

Vidas negras importam e geram inovação

Alan Alves Brito e Marcia Barbosa

Bruna Magno é negra e estudante de graduação em matemática. É comum Bruna se sentir transparente aos olhos de colegas e professores. Ao se sentir mal na universidade foi atendida na enfermaria. Lá lhe perguntam se ela era funcionária da limpeza.

Alan Brito é negro e docente e pesquisador em astronomia. Ele está na frente da cancela para entrar na universidade onde leciona. O funcionário em tom inquisitivo e olhando fixamente o cabelo crespo de Alan, diz: “Mano, para entrar aqui tem que ter selo”. O referido selo estava visível. Alan consegue entrar e vai buscar a chave da sala de aula. Ao solicitar a chave o porteiro responde: “Você não está permitido ir para a sala; tem que esperar o professor chegar”. Consegue a chave, abre a porta, prepara o datashow para a aula e ouve de um aluno: “O professor não vem?”. Inicia a aula e no meio de um debate sobre o sistema planetário uma estudante diz: “A sua presença me incomoda; a sua voz, a sua fala; tudo em você me incomoda; eu não sei o porquê, mas eu não gosto de você”. Alan interrompe a apresentação sobre astronomia e dá uma aula sobre diversidade racial.

Zelia Ludwig é negra, docente e pesquisadora em física. Ela sobe ao palco de um evento que reúne o mundo acadêmico ao mundo corporativo como cientista e mulher. Após a fala, que é aplaudida entusiasticamente, é procurada por profissionais negros e negras que assistiam ao evento e dizem para ela se sentindo empoderados: “Sempre estamos na platéia, hoje estivemos no palco.”

Os negros e as negras compõem segundo o IBGE 56% da população brasileira [1]. Esta parcela significativa da população está mais sujeita à violência como no caso do assassinato da vereadora e ativista dos direitos humanos Marielle Franco e ao descaso social como no caso da morte por queda do nono andar de um edifício de Miguel, um menino de cinco anos que fora deixado aos cuidados da patroa de sua mãe. Mas, como mostra história de Alan, a violência contra os negros não se restringe à violência física.

Segundo dados do INEP de 2017 [2], negros já somam 50% dos estudantes universitários brasileiros, mas quando o recorte é entre as universidades e cursos melhor avaliados este percentual cai para 27% [3]. Infelizmente esta exclusão horizontal não é o único obstáculo para a ascensão social da população negra. Somente 16% dos docentes das universidades públicas são negros [2]. Esta exclusão vertical se agrava ainda mais se examinarmos a pesquisa acadêmica. Homens negros correspondem a 9,5% dos pesquisadores e mulheres negras 7% das pesquisadoras com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq [4,5]

Estes dados tornam-se assustadores, pois mostram o racismo permeia a sociedade brasileira. Ele invisibiliza os negros em todas as suas contribuições para o desenvolvimento humano, sua cultura e sua história. Não é somente uma questão de direitos humanos, é uma questão de eficiência do sistema. Dados da consultoria internacional McKinsey & Company [5] mostram que diversidade étnica na governança das empresas implica em um desempenho financeiro melhor. A diversidade é um instrumento de criação de uma inteligência coletiva e de impulso à inovação. Um estudo recente mostra que grupos subrepresentados (negros e mulheres) produzem teses de doutorado com maior inovação disruptiva do que grupos hegemônicos. O mesmo estudo mostra que apesar de inovação ser um requisito fundamental para se conseguir bons empregos, estes grupos subrepresentados apresentam desempenho financeiro pior que seus colegas brancos [6].

Alan está em seu gabinete refletindo sobre a solidão de ser negro em um ambiente acadêmico. Enquanto pondera sobre se terá forças para seguir em frente, a estudante que o ofendera em sala de aula, entra. Ela está cabisbaixa e confessa: “Eu peço desculpas pelo que disse. Sou racista. Difícil ver um negro em posição de poder. Mas, quero mudar.”

O racismo que assassinou Marielle Franco e desperdiçou a vida do menino Miguel é um vírus danoso que precisa ser removido da estrutura social. Para ele, a vacina é a educação e a cura é um antirracismo permanente. Vidas negras importam e geram inovação.

[1] <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6403>

[2] Inep, Censo do Ensino Superior, 2017.

[3] <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/07/presenca-de-negros-avanca-pouco-em-cursos-de-ponta-das-universidades.shtml>

[4] <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-apenas-16-dos-professores-universitarios.ghtml>

Análise sobre a participação de negras e negros no sistema científico, Isabel Tavares, Maria Lúcia de Santana Braga, Betina Stefanello Lima

<http://www.cnpq.br/documents/10157/1f95db49-f382-4e22-9df7-933608de9e8d>

O negro na ciência brasileira contemporânea através de duas amostras, Gabriel Nascimento

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42406/751375137911>

[5] <https://www.mckinsey.com/business-functions/organization/our-insights/why-diversity-matters>

[6] <https://www.pnas.org/content/117/17/9284>